



Universidade  
Estadual da  
Paraíba

**CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE**  
**DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA**  
**CAMPUS I – CAMPINA GRANDE**

**MARCELA HERCULANO DE MORAES SOUZA**

**A IMPORTÂNCIA DA IMUNIZAÇÃO EM ACADÊMICOS DE ODONTOLOGIA**

CAMPINA GRANDE – PB

2016

**MARCELA HERCULANO DE MORAES SOUZA**

**A IMPORTÂNCIA DA IMUNIZAÇÃO EM ACADÊMICOS DE ODONTOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do Título de Cirurgião-Dentista.

**Orientadora: Profa. Dra. Carmen Lúcia Soares Gomes de Medeiros**

CAMPINA GRANDE – PB  
2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S729i Souza, Marcela Herculano de Moraes.  
A importância da imunização em acadêmicos de odontologia  
[manuscrito] / Marcela Herculano de Moraes Souza. - 2016.  
29 p.

Digitado.  
Monografia (Graduação em Odontologia) - Universidade  
Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde,  
2016.

"Orientação: Profa. Dra. Carmen Lúcia Soares Gomes de  
Medeiros, Departamento de Odontologia".

1. Vacinação. 2. Exposição ocupacional. 3. Hepatite viral B.  
4. Toxóide tetânico. I. Título.

21. ed. CDD 614.47

**MARCELA HERCULANO DE MORAES SOUZA**

**A IMPORTÂNCIA DA IMUNIZAÇÃO EM ACADÊMICOS DE ODONTOLOGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do título de Cirurgião-Dentista.

Aprovado em 19/05/2016

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dra. Carmen Lúcia Soares Gomes de Medeiros - UEPB**  
(Orientadora)



---

**Prof. Dra. Criseuda Maria Benícios Barros - UEPB**  
(1ª Examinadora)

---

**Prof. Dra. Maria Helena Chaves de Vasconcelos Catão - UEPB**  
(2ª Examinadora)

*Dedico este trabalho a Deus e minha família, por nunca me faltarem e serem o apoio necessário para a realização dos meus sonhos.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiro à Deus, por sempre estar muito presente em minha vida, sem me deixar abalar pelas dificuldades ao longo da caminhada e me dando forças para alcançar meus objetivos.

Aos meus pais, marido e filha, por me incentivarem com muito amor para que eu realize esse sonho. Vocês foram muito importantes na minha trajetória.

À minha orientadora, Professora Carmen, por sua orientação e auxílio, sempre com muita sabedoria e atenção durante a realização deste trabalho.

A todos os professores do curso de odontologia da UEPB, pelo empenho e paciência em passar todos os ensinamentos ao longo do curso. Em especial às professoras Criseuda e Maria Helena por estarem presentes na minha banca examinadora.

Aos colegas de turma, pelo convívio de muito aprendizado e companheirismo, sempre me ajudando a conquistar esse sonho em comum.

Aos que se fizeram presentes e me ajudaram, mesmo que indiretamente, ao longo desta caminhada para a concretização dessa importante etapa da minha vida.

*"O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Apesar dos nossos defeitos, precisamos enxergar que somos pérolas únicas no teatro da vida e entender que não existem pessoas de sucesso ou pessoas fracassadas. O que existe são pessoas que lutam pelos seus sonhos ou desistem deles.*

*Augusto Cury*

## RESUMO

Os profissionais de odontologia, por estarem em contato direto com os pacientes, pertencem ao grupo de risco de contrair doenças infecciosas como hepatites e tétano. Estas podem ser prevenidas pela adoção correta de medidas de biossegurança que incluem, além de outros cuidados, a imunização completa do dentista para cada tipo de doença. A hepatite B é a doença infecto contagiosa mais preocupante para o cirurgião-dentista pelo alto nível de infecção do seu vírus. O tétano apesar de ser uma doença mais esporádica, apresenta alto índice de morbidade e mortalidade, merecendo atenção do profissional que deve estar vacinado contra ambas. O objetivo desse estudo foi analisar a importância da imunização dos acadêmicos do curso de odontologia, antes do início dos estágios práticos em clínica. Foi realizada uma revisão de literatura, nas bases de dados eletrônicas LILACS, *MEDLINE*, *Scielo* e *Pubmed*, como também foram utilizados textos disponíveis na internet, livros e dissertações. Os descritores utilizados foram: hepatite B, tétano, vacinação em odontologia, exposição ocupacional. Os critérios de inclusão foram os artigos publicados nos últimos 10 anos (2006 a 2016). E os de exclusão foram todos os artigos que não tinham acesso gratuito, corrompidos ou não apresentavam conteúdo de interesse para esta revisão de literatura. Com base nos estudos, pôde-se observar que apesar dos conhecimentos sobre os riscos ocupacionais, parte significativa dos profissionais de odontologia não se previnem negligenciando a vacinação como primeira barreira de proteção contra doenças infecciosas.

**PALAVRAS- CHAVE:** Cobertura vacinal. Exposição ocupacional. Hepatite Viral B. Toxóide Tetânico.

## **ABSTRACT**

The dental professionals, for being in direct contact with patients, belong to the risk group of contracting various infectious diseases such as the hepatitis B and tetanus. These can be prevented by the correct adoption of biosecurity measures that includes, in addition to other precautions, complete immunization dentist for each type of disease. Hepatitis B is a contagious infectious disease more concern to the dentist by the high level of infection of your virus. Tetanus despite being a more sporadic disease has a high morbidity and mortality, deserving attention of the professional who should be vaccinated against both. The aim of this study was to analyze the importance of vaccination of students from the dentistry course , before the start of the practical training in clinic. a literature review was performed in electronic databases LILACS, MEDLINE , Scielo and Pubmed , as were also used texts available on the Internet , books and dissertations. The descriptors used were: hepatitis B, tetanus, vaccination in dentistry, occupational exposure. Inclusion criteria were the articles published in the last 10 years (2006-2016). And the exclusion were all items that were not free, corrupted or did not have content of interest to this literature review. Based on studies, it was observed that despite the knowledge of the occupational hazards, a significant part of dental professionals not prevent neglecting vaccination as first barrier of protection against infectious diseases.

Key words: Vaccination coverage. Occupational exposure. Viral hepatitis B. Tetanus Toxoid.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

LILACS - Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da saúde

*MEDLINE - Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*

NUBS - Núcleo Universitário de Biossegurança em Saúde

Pubmed - *Public Medline or Publisher Medline*

Scielo - *Scientific Electronic Library Online*

UEPB - Universidade Estadual da Paraíba

UFES- Universidade Federal do Espírito Santo

UFPA - Universidade Federal do Pará

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	12
<b>2.1 Hepatite B</b> .....	14
<b>2.2 Tétano</b> .....	16
<b>3 OBJETIVOS</b> .....	18
<b>3.1 Objetivo Geral</b> .....	18
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	19
<b>5 DISCUSSÃO</b> .....	20
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	24
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	25

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente o termo biossegurança ocupa espaço importante na área da Saúde. O estabelecimento de normas e rotina de biossegurança nos diversos cursos superiores é fundamental, visto que o profissional seguirá as medidas e costumes adotados na sua vida acadêmica para o exercício da sua profissão (PIMENTEL, 2012).

As vacinas permitem a prevenção, o controle, a eliminação e a erradicação das doenças imunopreveníveis, assim como a redução da morbimortalidade por certos agravos e seu uso tem alto custo-efetivo. (MELO, et al., 20016). Portanto, toda equipe de profissionais e acadêmicos da saúde deve ter como norma a vacinação preventiva das doenças que apresentam grande risco de contágio ocupacional, como a hepatite B e tétano (MATTOS, 2009). Por estarem mais expostos a certas doenças transmissíveis, os profissionais de saúde devem estar adequadamente imunizados além de obviamente utilizar corretamente as técnicas de proteção individual para minimizar o risco de aquisição de certas doenças infecciosas. O cirurgião-dentista e sua equipe auxiliar também devem estar preparados para lidar com eventuais acidentes de trabalho com material perfuro cortantes, notificando-os e agindo segundo o protocolo preconizado pelo Ministério da Saúde do Brasil (NASCIMENTO et al, 2012).

Os profissionais e acadêmicos de Odontologia estão no grupo de grande risco de contágio. Isso porque, além do relacionamento direto com os pacientes, eles manuseiam, constantemente, materiais perfuro cortantes infectados e também capazes de produzir aerossóis. Por isso, medidas de proteção individual são indicadas para evitar a transmissão ocupacional, incluindo o uso de equipamentos de proteção individual (luvas, máscara, óculos de proteção e jaleco) e a vacinação preventiva de todo o pessoal que realiza tarefas que envolvam contato com sangue e fluídos corporais, instrumentos perfuro cortantes ou superfícies contaminadas por fluídos corporais. A vacinação deve ser completada preferencialmente ainda durante o treinamento, antes que os indivíduos tenham contato com a atuação clínica e, conseqüentemente, com os riscos de contaminação e materiais citados. (GARCIA E BLANK, 2007)

Nos últimos anos houve um crescimento de estudos sobre acidentes ocupacionais com material biológico entre profissionais e estudantes de odontologia que evidenciaram a importância da implantação de programas e políticas específicas para essa população. Alta prevalência de acidentes percutâneos por agulhas foi observada entre os

estudantes de odontologia, caracterizando-os como um grupo de risco para a aquisição de doenças infecciosas (LIMA et al, 2012).

Considerando que o cirurgião-dentista está incluído no grupo de risco de contaminação de diversos patógenos, bem como a relevância do conhecimento por parte do aluno de graduação sobre o tema, objetivou no presente estudo, ressaltar a importância da cobertura vacinal dos acadêmicos de odontologia, antes do início de sua atividade prática na clínica odontológica.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

Os profissionais da área de saúde, especialmente médicos, enfermeiros, cirurgiões dentistas, entre outros que trabalham em hospitais, unidades de saúde, ambulatórios ou outros locais afins, por estarem em contato com pacientes ou materiais infectados, na manipulação de sangue e de outros fluídos corporais dos doentes, estão sob riscos constantes de adquirir determinadas infecções imunopreveníveis como as Hepatites B e C, a AIDS e o tétano. Destaca-se que, por causa do contato direto com pacientes, os odontólogos estão ainda mais expostos e passíveis de contrair ou disseminar as doenças havendo, portanto, a necessidade de que os mesmos tenham um estado vacinal adequado ao exercício da sua profissão (NASCIMENTO, 2012).

Na medida em que é notório a importância do papel do cirurgião-dentista na promoção e manutenção da saúde da população, é necessário que haja a conscientização desse profissional para o uso adequado das medidas de proteção específica. Esse contexto estende-se também aos estudantes de Odontologia, a fim de contribuir para o aperfeiçoamento do programa de ensino e diminuir a frequência e disseminação das doenças (CARNEIRO E CANGUSSU, 2009).

Com o ingresso de vários estudantes na área de saúde, torna-se preciso estudos que exponham a importância da imunização para servir como alerta para os acadêmicos e profissionais frente à sua necessidade de iniciar as atividades devidamente imunizados. É necessário que os mesmos iniciem a prática clínica vacinados, pois o corpo precisa de um tempo para produzir anticorpos e combater a doença, tornando-se necessário realizar o monitoramento vacinal através de sorologia (SILVA et al., 2015).

O profissional adquire suas habilidades durante anos de formação, que se iniciam dentro das universidades, onde as medidas de biossegurança devem ser mais rigorosas, pois os estudantes da saúde durante os procedimentos iniciais em contato com os pacientes constituem um risco para acidentes ocupacionais (LIMA; DANTAS; CONCEIÇÃO, 2010).

Segundo Freitas et al. (2011), estudantes de odontologia apresentam alta incidência de acidentes com materiais biológicos, principalmente por exposições percutâneas, revelando-se com maior risco de sofrer essas exposições quando comparados aos outros estudantes da área da saúde. Portanto, levando em consideração o alto risco de infecção direta que os

profissionais e acadêmicos da Odontologia correm, é evidente a importância da vacinação como primeira barreira de proteção contra as doenças infectocontagiosas, para as quais existe a vacina. No Brasil, a vacina para hepatite B é recomendada para todos os profissionais da área de saúde expostos ao contato com material biológico e deve ser aplicada em três doses (PIMENTEL et al., 2012).

As exposições que podem trazer riscos de transmissão ocupacional estão definidas como: percutâneas, quando há lesões provocadas por instrumentos perfurantes e cortantes; mucosas, quando há respingos envolvendo olhos, nariz ou boca; cutâneas, quando há contato com pele não íntegra como dermatite ou feridas abertas e por mordeduras humanas, que são consideradas como exposição de risco quando envolvem a presença de sangue (BRASIL, 2010).

Gir et al. (2008) citam, em seu trabalho, que o manuseio de instrumentos perfuro-cortantes por acadêmicos da área da saúde é uma atividade que os expõe ao risco de adquirir infecção, principalmente por serem inexperientes. Devido aos riscos diários com esses instrumentais, os profissionais da Odontologia, incluindo os graduandos devem ter conhecimento prévio acerca do assunto, bem como das doenças às quais estão expostos, para assim, minimizar os riscos ocupacionais, incluindo o método de imunoprevenção.

Apesar das exposições percutâneas serem um dos mais eficientes modos de transmissão do vírus da hepatite B, elas são responsáveis por uma minoria dos casos ocupacionais de hepatite B, provavelmente pela adoção de medidas de precaução-padrão e pela vacinação (BRASIL, 2006).

Diferentes fatores constituem barreiras para a vacinação entre trabalhadores e estudantes da área de saúde como o receio quanto aos efeitos colaterais, falta de percepção do risco de infecção, ausência de informação sobre a transmissão, pressão no trabalho, dificuldades de acesso a vacina. O acesso no Brasil é público e a distribuição da vacina ocorre sem custos para os usuários (ASSUNÇÃO, 2012).

Na prática da Odontologia, os acadêmicos são apontados como o grupo para o qual a educação em Biossegurança e o controle de infecção cruzada são imprescindíveis para correto treinamento e cumprimento dos protocolos rotineiramente. Entende-se que uma atenção especial às rotinas de acadêmicos envolvidos no trabalho de cuidado de saúde odontológica e o manejo dos acidentes ocupacionais irão prover estratégias de cuidado e revisão de

protocolos sistemáticos não operacionais na prática universitária e profissional (MORAIS, 2009).

A vacinação deve ser concluída preferencialmente ainda durante o treinamento, antes que os indivíduos tenham contato com material contaminado. A conscientização do profissional para a ocorrência do risco de transmissão de doenças desde o período de formação acadêmica oferece maior segurança não só a ele, mas também a seus pacientes e familiares (FARIAS, 2006).

A importância das ações de educação para a prevenção de doenças infectocontagiosas é confirmada por 100% dos participantes do estudo de Melo et al. (2016) que concordaram ser fundamental a adesão às normas de Biossegurança e a criação de estratégias de educação e prevenção dessas doenças. O processo educativo deve ultrapassar a ideia da simples normatização e abranger, aspectos relativos à ética (PEREIRA et al., 2012).

Garantir um conteúdo teórico acerca do risco biológico e das medidas preventivas é fundamental na formação dos profissionais da área da saúde. Por outro lado, deve existir um ambiente de formação que favoreça ao aluno o convívio diário com práticas preventivas o que requer estrutura física, recursos materiais e protocolos de condutas apropriados aos diferentes procedimentos, dentre outros. Entretanto, no contexto da formação acadêmica dos profissionais da área da saúde, o papel do professor orientador das aulas práticas, pode ser determinante, pois para o aluno ele é um modelo a ser seguido. Assim é fundamental que ele estabeleça estratégias para que os protocolos sejam cumpridos por seus alunos, mas especialmente que ele siga rigorosamente esses protocolos (LIMA et al., 2012).

## 2.1 Hepatite B

A hepatite B é a doença ocupacional infecciosa mais alarmante para os profissionais de saúde. Isso se deve ao alto nível de transmissão do Vírus da Hepatite B (HBV), sendo capaz de transmitir infecção, mesmo em pequenas quantidades de sangue, saliva e fluido gengival. Além disso, o vírus pode sobreviver pelo menos sete dias no ambiente, resistir durante dez horas a 60°C, durante cinco minutos a 100°C, ao éter e ao álcool a 90% e permanecer viável após vários anos de congelamento (GARCIA; FACCHINI, 2008).

Embora o risco para aquisição ocupacional de hepatite B seja conhecido desde 1949, um plano sistemático para redução dos riscos de exposição só foi desenvolvido após o aparecimento da epidemia de AIDS (BRASIL, 2010).

Com o intuito de reduzir os riscos eminentes aos trabalhadores da saúde, foi aprovada a Norma Regulamentadora 32, para trabalhadores regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas, que tem por finalidade a implantação de medidas de proteção à saúde dos trabalhadores dos serviços de saúde. Essa Norma exige a utilização das medidas de biossegurança que os profissionais de saúde devem cumprir para prevenção de doenças do trabalho, incluindo a hepatite B (SILVA JÚNIOR, 2014).

Para entender o nível de seriedade e contaminação do vírus da Hepatite B, Garcia e Black (2006) afirmaram, em seus estudos, que a Hepatite B trata-se de um vírus mais infeccioso que o vírus da Hepatite C e da Imunodeficiência Humana (HIV). No entanto, percebe-se que a formação acadêmica dos profissionais de saúde ainda é focada nos conhecimentos aplicados aos pacientes, limitando seu autocuidado e das pessoas à sua volta (PINHEIRO; ZEITOUNE, 2008).

A hepatite B pode se desenvolver de duas formas: aguda e crônica. A primeira é quando a infecção tem curta duração e a segunda quando a doença dura mais de seis meses. O risco de tornar-se crônica depende da idade na qual ocorre a infecção, com as crianças sendo as mais afetadas (BRASIL, 2015).

Um fator a ser observado é que, na maioria das vezes, a hepatite B é uma doença assintomática, dificultando seu diagnóstico. Assim, é necessário considerar qualquer paciente como potencialmente doente, na tentativa de diminuir a contaminação cruzada (SILVA JÚNIOR, 2014).

Inquéritos sorológicos realizados em diversos países demonstram quase que invariavelmente, uma maior prevalência da infecção pelo VHB em dentistas do que na população em geral, especialmente entre as especialidades cirúrgicas (MARTINS; BARRETO, 2006).

A imunização completa com a vacina contra a hepatite B protege o profissional e estudante entre 90,0% e 95,0% de contrair tal doença. É importante que o esquema vacinal seja realizado em três doses e que se tomem as doses de reforços a cada dez anos da última dose, antecipando-as para cinco anos em caso de gravidez, sendo o paciente vacinado nos momentos zero, um e seis meses após a primeira dose (BRASIL, 2009).

Três meses após a conclusão da vacinação, os profissionais devem passar por testes para verificar o desenvolvimento dos níveis de proteção de anticorpos e aquelas pessoas que não tenham desenvolvido os anticorpos necessários devem ser submetidas a uma nova vacinação (FARIAS, 2006).

Assim, a imunização contra a hepatite B tem indicação para proteger profissionais e acadêmicos pelo maior risco de adquirir a infecção, especialmente acadêmicos de odontologia que devido a sua falta de experiência clínica estão mais propensos para o contágio (CAVALCANTI et al., 2009).

## 2.2 Tétano

O tétano é uma doença infecciosa aguda, não contagiosa, causada pela ação de neurotoxinas produzidas pela bactéria *Clostridium tetani* (*C. tetani*), bacilo gram-positivo que, em condições de anaerobiose, assume a forma vegetativa, reprodutiva e produtora de toxinas. Considerada uma desordem neurológica, a doença é caracterizada por aumento do tônus e espasmos musculares, provocados pela ação da tetanospasmina, uma potente proteína fabricada pelo *C. tetani* que bloqueia a liberação de neurotransmissores inibitórios como glicina e ácido gama-aminobutírico nos neurônios motores  $\alpha$ , levando à rigidez muscular característica da doença (FAUCI et al., 2008).

Apresenta baixa incidência e prevalência nos países desenvolvidos devido ao sucesso da sua imunoprevenção. Em países em desenvolvimento, constitui problema de saúde pública devido a cobertura vacinal incompleta e ao tratamento inadequado das lesões traumáticas. Os fatores que influenciam na inadequada cobertura vacinal nesses países são constituídos pelos aspectos individuais, culturais, sociais, econômicos e de acessibilidade aos serviços de saúde (FEIJAO et al., 2007).

Sua ocorrência é esporádica e em sua grande maioria acomete com mais frequência as regiões onde a cobertura vacinal da população é baixa e o acesso à assistência médica é limitado. (BRASIL, 2006). É uma doença imunoprevenível, contudo, ainda representa um grave problema de saúde pública no Brasil, apesar dos avanços na assistência hospitalar, sendo altos os níveis de morbidade e mortalidade (OLIVEIRA; NUNES, 2013).

A sua incidência pode ser significativamente reduzida mediante campanha de vacinação eficaz e tratamento adequado dos pacientes (CHALYA et al., 2011). A prevenção no Brasil é feita com o esquema vacinal disponibilizado pelo Sistema Único de Saúde (DANTES et al., 2010).

### **3 OBJETIVO GERAL**

- Realizar uma revisão de literatura acerca da importância da vacinação dos acadêmicos da odontologia.

#### 4 METODOLOGIA

A realização desta revisão integrativa da literatura foi realizada entre os meses de março e maio de 2016, através de um levantamento de estudos sobre a importância da vacinação para os acadêmicos do curso de odontologia. Os artigos foram selecionados nas bases de dados consideradas confiáveis: LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da saúde), *MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online)*, *Scielo (Scientific Electronic Library Online)*, *Pubmed (Public Medline or Publisher Medline)*. Os descritores utilizados foram hepatite B, tétano, vacinação em odontologia, exposição ocupacional. Como critérios de inclusão, tiveram-se os trabalhos disponíveis na íntegra em formato de artigo científico publicados nos últimos dez anos sobre imunização na prática odontológica. Em contrapartida, foram descartados artigos de acesso não gratuito ou que se encontravam com o documento corrompido, impedindo sua leitura via internet, resumos cujo conteúdo não revelou interesse para a realização da referida revisão de literatura, obras anteriores a 2006, publicações repetidas, produções não relacionadas à temática e artigos cujo texto completo estava indisponível gratuitamente. De posse dos artigos, buscou-se extrair as informações úteis para a revisão que contemplassem o objetivo. Nessa fase, foi adotado como instrumento de coleta a matriz de síntese ou de análise.

## 5 DISCUSSÃO

A necessidade de inserção do conteúdo de segurança ocupacional nos currículos dos cursos da área da saúde é primordial como forma de capacitar os alunos a identificar e também prevenir os riscos contra doenças. Em um estudo realizado no hospital universitário de Brasília, foi referido que 42,1% dos acidentes registrados ocorreram com os estagiários (MARZIALE, 2007).

Segundo Reis, Gir e Canini (2008) entre os fatores que contribuíram para a alta ocorrência de acidentes de acadêmicos em relação a materiais perfuro cortantes, estão a falta de habilidade e de segurança para a realização dos procedimentos, além da ansiedade acrescida da inexperiência que aumentam o estresse.

De acordo com a pesquisa realizada na Faculdade de Odontologia da UFPA em 2012, sobre acidentes com perfuro cortantes com os discentes, docentes, atuantes nas clínicas, equipe auxiliar das clínicas odontológicas e funcionários de manutenção e limpeza, a maior proporção de acidentes ocorreu entre os acadêmicos, sendo mais frequentes os acidentes nos últimos semestres de formação universitária. (NASCIMENTO, 2012).

Moreira, Evangelista e Athayde (2010), verificaram, em estudantes e profissionais da saúde da Faculdade de Saúde Ibituruna em Montes Claros, que 60% dos participantes de sua pesquisa demonstraram desconhecimento sobre quais são as vacinas essenciais para os profissionais da área da saúde.

Apenas (30,97%) dos alunos da pesquisa de Silva et al. (2015) relatou que obtiveram informações sobre a imunização na faculdade, seja por meio de campanhas realizadas na Instituição de Ensino ou por meio de professores da instituição e nas aulas de Biossegurança. A literatura enfatiza que é de responsabilidade das Instituições de Ensino ser a principal fonte de informação para os estudantes da área de saúde.

Em estudo com acadêmicos dos cursos da área de saúde da UFES, dos alunos que acreditam que a vacinação é obrigatória, (61,02%) foram alunos de Medicina, (77,77%) de Enfermagem e (61,72%) de Odontologia. Dos alunos que são vacinados contra a hepatite B, a maioria foram alunos de Medicina, com (80,14%), seguidos pelos da Enfermagem com (71,60%) e por último os de Odontologia (66,66%). Diante do percentual alcançado no curso de Medicina e Enfermagem, notou-se uma deficiência dos alunos de Odontologia sobre os conhecimentos e cuidados acerca dos riscos ocupacionais de sua profissão. (SILVA JÚNIOR, 2014).

Estudo realizado neste ano sobre a experiência do Programa de extensão Núcleo Universitário de Biossegurança em Saúde na Universidade Estadual da Paraíba (NUBS/UEPB) no Departamento de Odontologia constatou que 91,3% dos participantes da pesquisa tinham cartão de vacina, enquanto 8,7% não o possuíam (MELO et al., 2016). É importante pontuar que, para acadêmicos da área de saúde, a porcentagem remanescente é preocupante, já que esses indivíduos estão inseridos em um grupo de risco. Brasil (2015) mostrou que essa caderneta é um documento muito importante para acompanhar a saúde, o crescimento e o desenvolvimento do indivíduo. E principalmente na prevenção já que se trata de futuros profissionais de saúde.

Em 2011, de acordo com a pesquisa realizada com os estudantes de odontologia do UNIPÊ em relação à Hepatite B, um total de 74,5% afirmou conhecer as vias de transmissão e 74,9% de como se previne a doença, sendo os procedimentos odontológicos e médico cirúrgicos a via de transmissão mais citada (74,5%) e a imunização, a forma de prevenção mais conhecida (59,2%). Ainda confirmaram ter tomado a vacina contra a Hepatite B, 76,9%, porém 31,4% apresentaram esquema vacinal completo e apenas 17,6% fizeram a verificação da soro conversão. Isso mostra que a consciência quanto as formas de transmissão e prevenção não é sinônimo de prática de imunização, sendo necessário a realização de uma campanha de incentivo à vacinação preventiva e um monitoramento da caderneta de vacinação (SANTOS et al., 2011).

Em questionamento da pesquisa do NUBS/UEPB sobre a porcentagem de doses de vacinas administradas, a vacina contra Hepatite B foi o percentual mais alto (45,83%), seguida pela Influenza em segundo lugar com 31,49% (uma vez que este tipo de vacina deve ser tomada anualmente pelos grupos de risco, incluindo os profissionais da saúde). E em último lugar, vacina contra tétano (22,68%), com necessidade de doses de reforço para muitos usuários, tendo em vista que esta deve ser realizada a cada 10 anos (ARAÚJO et al., 2016).

A pesquisa realizada na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) revelou que um percentual de 65,5% dos estudantes possuía imunização completa para hepatite B e apenas 22% de tétano. (ANGELO et al., 2007). Porém, analisando a pesquisa de Silva Júnior, et. (2013), com estudantes da UFES, quando questionados se vacinados ou não contra o vírus da Hepatite B, no geral, 61,2% disseram que sim; porém 48,7% dos acadêmicos do 1º período não sabem se foram vacinados. E em relação ao Tétano, no geral, 72,5% afirmaram ser imunizados, e mais uma vez o 1º período foi responsável por esta porcentagem com apenas 53,6% de alunos vacinados, e 34,1% não sabiam. Assim, a vacinação do Tétano foi mais

expressiva em relação à da Hepatite B na segunda pesquisa, mas, em ambos os casos, se consolida um percentual insuficiente.

Os resultados estão de acordo com o estudo realizado por Lima et al. (2006), na Universidade Federal do Ceará, onde 62,0% dos acadêmicos eram imunizados, e os ingressantes eram os menos protegidos, apenas 32,3% eram vacinados contra o vírus da Hepatite B e 53,6% contra o Tétano. Em outro estudo de Lima et al. (2008) na UFPB, mostrou que a variante semestre se configurou como um dos fatores de proteção significantes para cobertura vacinal, pois quanto mais avançado o semestre maior a quantidade de alunos imunizados. No entanto, a cobertura vacinal dos alunos que já estavam em estágio clínico foi preocupante sendo o risco ocupacional maior para os iniciantes.

Na pesquisa da Universidade de Montes Claros, citado por Garcia e Blank (2006), concluiu-se que a falta de informação parece ser um dos principais fatores limitantes do controle da vacinação, pois a necessidade de mais informações foi a razão comumente alegada pelos entrevistados para a não vacinação, a vacinação incompleta e a falta de controle posterior. Esse dado é controverso ao encontrado no estudo de Lima et al. (2006), que identificaram-se como principais causas para a não vacinação ou a vacinação incompleta, o esquecimento (26%), seguido pela falta de motivação (10%), demonstrando que nem sempre o conhecimento gera conscientização.

Como se pode observar no estudo de Mattos et al. (2009), a maioria dos acadêmicos de Odontologia da UFES (78,2%) afirmou estar com a caderneta de vacinação em dia, porém apenas uma minoria (12%) declarou já ter realizado exame sorológico para constatar a imunização após a vacinação, e uma pequena parcela dos estudantes (21,8%) relatou ter ouvido falar em um calendário de vacinação ocupacional. Foi observado, durante a coleta de dados, que muitos acadêmicos, independentemente do período que estavam cursando, não conheciam ao certo o que é um exame para constatar imunização vacinal. Isso reforça a ideia da necessidade de um programa de informação sobre o assunto na universidade.

Outra pesquisa também realizada na UFPB, mostrou que a maioria dos estudantes utilizava EPIs rotineiramente, no entanto, foi elevado o percentual de alunos que não completaram o esquema vacinal e a maioria não realizou verificação laboratorial da soro conversam, estando portanto vulneráveis a esta infecção; Os resultados do presente estudo demonstraram necessidade de implementação de campanhas que reforcem o conhecimento e contribuam para conscientização e melhora da cobertura vacinal (LIMA et al., 2008).

Para Santos et al. (2006), as instituições de ensino têm papel primordial na prevenção e controle das doenças imunopreveníveis, pois é durante a formação acadêmica que se fundamentam conceitos. O conhecimento adquirido na academia é fundamental e tende a ser aplicado e repetido pelo trabalhador quando inserido no mercado de trabalho. Portanto, durante a graduação, os egressos devem ter construído a compreensão dos aspectos teóricos e práticos da prevenção e controle das infecções relacionadas aos serviços de assistência à saúde, pois constituirão elementos de uma atuação profissional coerente.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após revisão bibliográfica, pode-se concluir, que:

- Os acadêmicos têm conhecimento sobre a vacinação, porém isso não é suficiente para que estejam imunizados.
- A procura pela vacinação ainda é insatisfatória, se for levado em conta que a vacina é distribuída gratuitamente pelos serviços públicos do país.
- A vacinação e a necessidade do teste sorológico para verificação da imunização devem ser melhor conduzidas pelas instituições de saúde.
- Os acadêmicos da Odontologia devem estar devidamente orientados quanto à necessidade de manter os seus cartões de vacinação completos, atualizado e protegidos contra as doenças imunopreveníveis a partir do primeiro semestre.
- Considera-se urgente a implantação de uma política com ênfase na prevenção de doenças infecciosas, principalmente ocupacionais, aos estudantes da área de saúde.

## REFERÊNCIAS

ANGELO, A.R.; QUEIROGA, A.S.; GONÇALVES, L.F.F.; SANTOS, S.D.; SOUSA, C.F.S.; SOARES, M.S.M. Hepatite B: conhecimento e prática dos alunos de Odontologia da UFPB. **Pesq Bras Odontoped Clin Integr**. v. 7, n.3, p. 211-6. 2007.

ARAÚJO, D.F.; BARROS, J.B.; ALBUQUERQUE, J.D.; BARROS, C.M.B.; DAMIÃO, E.O. Impacto da implantação de um programa de imunização no departamento de odontologia de uma universidade pública no interior do nordeste. **Odontologia: integração em pesquisa, tecnologia e aplicabilidade clínica**. V. 2, N. 16, P. 220-230. 2016.

ARAÚJO, T.M.E; PAZ, E.P.A.; GRIEP, R.H. Cobertura vacinal dos profissionais de um curso de especialização em saúde da família do Piauí. **Esc Anna Nery R Enferm**. v. 10, n.1, p. 95 - 100. 2006.

ASSUNÇÃO, A.A.; ARAÚJO, T.M.; RIBEIRO, F.B.N.; OLIVEIRA, S.V.S. Vacinação contra hepatite B e exposição ocupacional no setor saúde em Belo Horizonte, Minas Gerais. **Rev. Saúde Pública**. v. 46, n.4. 2012.

Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Serviços Odontológicos: Prevenção e Controle de Riscos / Ministério da Saúde, Agência Nacional de Vigilância Sanitária. – Brasília: Ministério da Saúde. 2006.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para hepatite viral C e infecções. 2010.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Guia de vigilância epidemiológica. 7 ed. Brasília: Ministério da Saúde. 2009.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de vigilância em saúde. Departamento de vigilância epidemiológica A, B, C, D, E de hepatites para comunicadores. Brasília: Ministério da Saúde. 2006.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. Biocontenção: o gerenciamento do risco em ambientes de alta contenção biológica NB3 e NBA3. Brasília: Editora do Ministério da Saúde. p. 1

34. 2015.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Recomendações para terapia III Tratamento, antirretroviral em adultos infectados pelo HIV-2008. Suplemento e prevenção. Brasília: Ministério da Saúde. 2010.

CARNEIRO, G.G.V.S.; CANGUSSU, M. C. T. Prevalência presumível, cobertura vacinal, conhecimentos e atitudes relativos à hepatite B em graduandos de Odontologia da Universidade Federal da Bahia. **Revista de Odontologia da UNESP**. v.38, n.1, p.7-13. 2009.

CAVALCANTI; F, MARINHO; MELO, S.G.S.V.; PATRÍCIO, D.P.S.; ZIMMERMANN, R.D. Hepatite B: conhecimento e vacinação entre os acadêmicos da Faculdade de Odontologia de Caruaru-PE. **Odontol. clín.-cient**. v. 8, n. 1, p. 59-65. 2009.

CHALYA, P.L; MABULA, J.B; DASS, R.M; MBELENGE, N; MSHANA, S.E; GILYOMA, J.M. Ten-year experiences with Tetanus at a Tertiary hospital in Northwestern Tanzania: A retrospective review of 102 cases. **World J Emerg Surg**. V. 6, n. 20, p. 20-34. 2011.

COSTA, L.G; IGNOTTI, R.C.P.E.; Detecção de infecção pelo vírus da hepatite B nos municípios brasileiros segundo cobertura dos serviços de hemoterapia, no período de 2001 a 2008. **Epidemiol. Serv. Saúde, Brasília**. V. 21, n.4, p. 617-626. 2012.

DANTES, A.C.; CHRISTY, A.G.V.; VALADAO, G.F.W.C.; SILVA, I.B.R.; CARVALHO, J.S.; PENNA, J.D.M.; BARROSO, L.A.; VALADARES, R.D.; SERUFO, J.C. Tétano: quando a imunoprevenção falha. **Rev Med Minas Gerais**. v.20, n.2, p. 142-144. 2010

FARIAS, J. G.; CARNEIRO, G. G. V. S.; SILVA, V. C. R.; ROCHA, J. R. M.; MORAES, A. K. B.; MEDEIROS, M. I. D.; PADILHA, W. W. N. Prevalência presumível de hepatites virais e cobertura vacinal para hepatite do tipo b entre estudantes de odontologia da UFPB. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**. v. 5, n. 3. 2006.

FAUCI, AS, BRAUNWALD E, KASPER DL, HAUSER SL, LONGO DL, JAMESON JL. TETANUS. IN: principles of internal medicine. **New York: McGraw Hill Medical**. v.17, p. 898-900. 2008

FEIJAO A.R.; BRITO, D.M.S.; PERES, D.A.; GALVAO, M.T.G. Tetano acidental no Estado do Ceará, entre 2002 e 2005. **Rev Soc Bras Med Trop**. v. 40, n.4, p.426-30. 2007

FREITAS, D.A; HERNÁNDEZ, C.I.V.; CABALLERO, A.D.; MORAIS, Z.M.; Accidentes con Material Biológico entre Estudiantes Universitarios de Odontología. **Rev Clín Med Fam**. V. 4, n. 1, p. 19-24. 2011.

GARCIA, L.P.; FACCHINI, L.A. Vacinação contra a hepatite B entre trabalhadores da atenção básica à saúde. **Cad Saúde Pública**. V. 24, n.5, p.1130-40. 2008.

GARCIA, L.P; BLANK, V.L.G. Aderência a medidas de proteção individual contra hepatite B entre cirurgiões-dentistas e auxiliares de consultório dentário. **Rev Brasileira de Epidemiol.** V. 10, n. 4, p. 525-6. 2007.

GARCIA, LP; BLANK, V.L.G. Prevalência de exposições ocupacionais de Cirurgiões-dentistas e Auxiliares de Consultório dentário a material biológico. **Cad Saúde Pública.** V. 22, n. 1, p. 97-108. 2006.

GIR, E.; NETTO, J.C.; MALAGUTI, S.E.; CANINI, S.R.M.S; HAYASHIDA, M., MACHADO, A.A. Acidente com material biológico e vacinação contra hepatite B entre graduandos da área da saúde. **Rev Latino-Am Enfermagem.** V.16, n. 3, p. 401-6. 2008.

LIMA L. K. O. L.; TIPPLE, A. F. V.; BARROS, D. X.; FERREIRA, P. S.; PAIVA, E. M. M.; SIMÕES, L. L. P. Acidentes com Material Biológico Entre Estudantes de Odontologia no Estado de Goiás e o Papel das Instituições de Ensino. **Rev Odontol Bras Central.** V. 2 n. 58. 2012.

LIMA, A. A.; AZEVEDO, A. C.; FONSECA, A. G. L.; SILVA, J. L. M.; PADILHA, W. W. N. Acidentes Ocupacionais: Conhecimento, Atitudes e Experiências de Estudantes de Odontologia da Universidade Federal da Paraíba. **Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica integrada.**v.8, n. 3, p. 372-333. 2008.

LIMA, A.A.; AZEVEDO, AC.; FONSECA, A.G.L.; SILVA, J.L.M.; PADILHA, W.W.N. Acidentes Ocupacionais: Conhecimento, Atitudes e Experiências de Estudantes de Odontologia da Universidade Federal da Paraíba. **Pesq Bras Odontoped Clin Integr**, v. 8, n. 3, p. 327-332. 2008.

LIMA, E.M.C; ALMEIDA, M.E.L; SOUSA D.L.; BEZERRA, J.G. Perfil de imunização dos alunos, professores e funcionários da Universidade Federal do Ceará. **Arq Odontol.** V. 42, n. 3, p. 241-54. 2006.

LIMA, EMC; ALMEIDA, MEL; SOUSA DL; BEZERRA FILHO, JG. Perfil de imunização dos alunos, professores e funcionários do curso de Odontologia da Universidade Federal do Ceará. **Arquivos em Odontologia.** V. 42, n.161-256. 2006

LIMA, L.K.O.L.; TIPPLE, A. F. V.; BARROS, D. X.; FERREIRA, P. S.; PAIVA, E. M. M., SIMÕES, L. L. P.. Acidentes com Material Biológico Entre Estudantes de Odontologia no Estado de Goiás e o Papel das Instituições de Ensino. **Rev Odontol Bras Central.** V.21, n. 58. 2012

LIMA, M.A.M.E.B.; DANTAS, P.R.; CONCEIÇÃO, F.R. Adesão a protocolo pós exposição ocupacional de acidentes entre cirurgiões dentistas **Rev. Saúde Pública.** 2010.

MARTINS A. M. E. B. L.; BARRETO S. M. Vacinação contra a hepatite B entre cirurgiões dentistas. **Rev Saúde pública.** v. 37 n.3 p. 333-8. 2006.

MARZIALE MHP, SILVA EJ, HAAS VJ, ROBAZZI MLCC. Acidentes com material biológico em hospital da Rede de Prevenção de Acidentes do Trabalho – REPAT. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional.** V. 32, n.115, p. 109-19. 2007

- MATTOS, J. P. P.; ALBUQUERQUE, M.C.; PEREIRA, T. C. R.; MIOTTO, M. H. M. B.; Conhecimento dos acadêmicos de Odontologia da UFES quanto à vacinação das doenças infectocontagiosas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**. v.11n. 2 p.30-36. 2009;
- MELO, A.K.P.; GOMES, M.S.; SOUSA, V.M.; NEVES, J.L.; LUNA, K.P.O. Estudo imunológico-epidemiológico com acadêmicos de odontologia: avaliação de hepatite B, hepatite C, sífilis e AIDS. **Odontologia: integração em pesquisa, tecnologia e aplicabilidade clínica**. V. 2, N. 16, P. 207-219. 2016.
- MORAIS, N.O; PANIAGO, A.M.M.; NEGRI, A.C.; OLIVEIRA, O.A.; CUNHA, R.V.; OLIVEIRA, S.M.V.L. Exposição ocupacional com material potencialmente contaminado entre profissionais da área de apoio. **Cogitare Enferm**. V. 14, n. 4, p. 709-13. 2009.
- MOREIRA, M.G.; EVANGELISTA, P.F.; ATHAYDE, L.A. Perfil sorológico dos marcadores de hepatite B em profissionais acadêmicos da área da saúde. **Rev Bras Anal Clín**. v. 42, p. 255-9. 2010.
- NASCIMENTO, L.S.; ASSUNÇÃO, L. R. S.; SILVA JÚNIOR, N.G.; PEDREIRA, E. N.; SILVA, R. L. C. Acidentes com Perfuro cortantes na Faculdade de Odontologia da UFPA: Visualização de um Cenário. **Rev Odontol Bras Central**. v.21, n.56. 2012.
- OLIVEIRA, L.O.; NUNES, C, L, X Estudo de 119 casos de tétano ocorridos num hospital de referência na bahia entre 2004 e 2010. **Revista Baiana de Saúde Pública**. v.37, n.1, p.56-67. 2013
- PIMENTEL, M. J.; BATISTA FILHO, M. M. V.; SANTOS, J. P.; ROSA, M.R.D. Biossegurança: comportamento dos alunos de Odontologia em relação ao controle de infecção cruzada. **Cad. saúde colet**, Rio de Janeiro. v.20 n.4. 2012.
- Pinheiro J, Zeitoune, RCG. Hepatite b: Conhecimento e medidas de biossegurança e a saúde do trabalhador de enfermagem. **Esc Anna Nery Rev Enferm**. V.12, P. 258-64. 2008
- Reis, R.K.; Gir E.; Canini, S.R.M.S. Acidente com material biológico e vacinação contra hepatite B entre graduandos da área da saúde. **Rev Latino am Enferm**. V.16, p.401-6. 2008
- SANTOS, AAB; SOARES, I.M.S.; LIMEIRA, I.A.; ÂNGELO, A. R.; VELOSO, H.H.P.; QUEIROGA, A.S. Conhecimentos e comportamentos de risco dos alunos de odontologia do Centro Universitário de João Pessoa em relação à Hepatite B. **Com. Ciências Saúde**. V. 22. N. 4, p. 335-342. 2011
- SANTOS, S.L.V.; SOUZA, A.C.S.; TIPPLE, A.F.V.; SOUZA, J.T. O papel das instituições de ensino superior na prevenção das doenças imunopreveníveis. **Rev Eletrônica Enfer**. V. 8, P. 91-8. 2006.
- SILVA JUNIOR, M.F.; RAHYZA ASSIS, I. F.; GOMES, C. R. L.; MICLOS, P. V.; SOUSA, H. A.; GOMES, M.J. Conhecimento atual sobre a necessidade de imunização da hepatite B dos acadêmicos da área da saúde de uma universidade brasileira. **Arq Odontol**. v.50, n.3, p.131-137. 2014.

SILVA JUNIOR, M.F.; RAHYZA ASSIS, I. F.; GOMES, C. R. L.; MICLOS, P. V.; SOUSA, H. A.; GOMES, M.J. Conhecimento dos acadêmicos de odontologia da Ufes sobre a necessidade de imunização. **Rev. Bras. Pesq. Saúde**. V. 15, N. 4, P.87-94. 2013.

SILVA, T.H.P.S.; DANTAS, A.S.B.; DIODATO, J.S.; TAVARES, E.M.A. Situação da imunização dos estudantes de odontologia da Faculdade de Ciências Aplicadas Doutor Leão. **Revista Interfaces**. V. 3, n. 8, p.01-08. 2015.